

NOS CAMPOS DO JORDÃO

Saímos cedo de Taubaté rumo a Campos do Jordão para ver a exposição do Projeto Atalie 50 no Museu Casa da Xilogravura, fazia bastante frio. Na saída do hotel, as últimas fotos do belíssimo e abandonado Grupo Escolar Lopes Chaves, localizado no Centro. Tão bonito como nosso museu, o local onde estudaram Hebe Camargo, Cid Moreira e Renato Teixeira está fechado desde 2005, mas foi anunciado um projeto de restauração com previsão de conclusão do projeto executivo para este ano, a conferir. Construído originalmente a partir de 1900, com projeto do arquiteto belga José Van Humbeeck e fiscalização do engenheiro Euclides da Cunha, o prédio foi o primeiro grupo escolar de Taubaté e um dos primeiros do estado.

Tinha ido a Campos do Jordão em 1988, quase 40 anos atrás. A estrada é, em sua maior parte, em pista simples e sem acostamentos. O intenso movimento, mesmo fora da temporada, em função do forte aclive, pista escorregadia e sinuosidade constante tornam a viagem lenta e perigosa. São 53 km que tomam uma hora de viagem até o destino preferido da classe média paulistana que se imagina nos Alpes. Após o portal de entrada (felizmente não fizeram essa bobagem em Franca até agora, embora ameacem sempre gastar nosso dinheiro com isso), a rota é quase única, uma avenida que acompanha o fundo do vale e a linha da estrada de ferro, a planta da cidade é basicamente linear, pois as altitudes da Mantiqueira a impedem de subir, a cidade está a 1628m de altitude, a mais alta do país. Sua população cresceu muito, são quase 47 mil habitantes, que aumentam para 300 mil no período da alta temporada, no inverno.

Ficamos hospedados no “Rancho do Pinedo”, convidados pelos amigos Luiz Pinedo e Luiza Naomi, dois arquitetos e professores que se esmeraram para nos oferecer a melhor acolhida. Em seguida fomos acompanhados também pelos arquitetos Miguel Buzzar e Lúcia, nossas boas companhias no intenso final de semana de muita conversa e risadas, rolou até mesmo uma aula sobre a arquitetura japonesa dada pela Luiza. A cidade está bastante transformada de quando a conheci 40 anos atrás. Uma massa de edificações novas em folha em vários pavimentos para acomodar cada vez mais gente que acorre ao local, geralmente em estilo “alpino” que espera a neve que não virá com o aquecimento global e outros estilos menos cotados como um terrível renascentista holandês, a cidade é um imenso pastiche arquitetônico para atender ao turismo de massa. O trânsito é terrível, congestionado sempre. A cidade estava tomada por ciclistas e acompanhantes que participavam de uma corrida, havia milhares de pessoas nas ruas, hotéis e restaurantes.

Fico imaginando a cidade na alta temporada, deve ser complicado circular e se a infraestrutura disponível dá conta de atender. Fugimos do confronto com a multidão, fomos ao restaurante da AABB que mantém um grande hotel afastado do centro, com comida boa, farta e preços civilizados. Depois partimos para conferir a exposição da Atalie no Museu Casa da Xilogravura, onde fomos recebidos por sua diretora Lêda Campestrin Costella que nos acompanhou na visita guiada desse excelente museu de gravura criado pelo professor Antônio Costella. Visitamos ainda o Parque Estadual/Horto da cidade, almoçamos por lá em meio ao arvoredo e o Pinedo aproveitou para me fazer experimentar a casca do tomate-de-árvore, trem amargo pra caramba, só o miolo é agradável. Vi ainda uma coisa pitoresca perto da casa onde ficamos: a estrutura abandonada de uma residência projetada pelo importante arquiteto Jorge Caron. Segundo a história que me contaram, com a separação do casal que construiu a casa, um deles ficou injuriado e mandou demolir, deixando apenas a estrutura sem uso. O fato é que ficou mesmo só a estrutura, todo o resto desapareceu. Numa manhã gelada de segunda-feira, pegamos o

caminho de volta para a velha Franca do Imperador cheios de novas histórias e pensando na próxima aventura.

Mauro Ferreira é arquiteto